

— Ah!....

Westé ah! Eduardo reservava todo a sua ignorância sobre musica, mas conseguia-se reunir junto de Bernardino; queria ver se lhe ensinava mais alguma coisa. Gustavo delle e considerava a sua officina como abalorada.

— E' muito esgerto, e' muito esgerto! dizia elle ás vezes, ás escondidas, a respeito do esdote; e visto mais uma vez mostrava a sua ignorancia e a sua educação acostumada ao servilismo.

Bernardino continuava atterrecido; olhava para os livros que estavam sobre a mesa, olhava dentro das suas mesderrações luxuosas; viu algumas illustrações do Gil Braz de Santithava, do Astronomia de Flammarion e largou. Começou a brincar com os gigantes dos cordões dos refosheiros; ficou com uma espora o tafete distrahiadamente e pendeu-se no banco do Giano, desanimado.

O que iria no rumo dos Cavalleiros? jurava. E á simples lembrança de pernas lançadas sentiu que já não resistiria muito tempo. Estava com gressa de correr, a falar-lhe, no escuro de Gorta, agitando-lhe um braço e escurando as coxas com a calça; ir falar-lhe á janela da Gorta de Braz, da rua do Cafetalão, envolver-se numva nuvem de prazer, de gozo e de fado corrido...

Estava a ver que não preferia mais e que seu gozo patiria abruptamente, desculpando-se mal e correria pelo rumo de S. Lazaro abaixo, e Jasso Largo;

seguiu no Kéji, junta a cada yolo humeros a serie intravigente.

Mas reconsiderou e resolveu-se a falar. Chegou ao pé do Tio e disse baixinho, com ar de riso:

— Tenho de me ir embora porque estou como a rainha santa, quando morreu; isto é...

— O que tens tu?

— ... com dores de barriga...

Riram-se. Alberto ainda dizia que se fosse preciso tudo se arranjava, ninguém se quezaria... Mas Bernardino não quis e despediu-se de todos. Pôr o Kéji, deu as boas-noites significativas á sogra que veio alucinar á esada e desceu, fazendo tilintar as segaras.

Achou-se na rua; começou a caminhar a passo largo e desceu a rua de S. Lazaro. Havia muito movimento de carroças, os carros do hospital de S. José, teus de graça, gente que passava. Alguns guardas municipais rubriam ligeiramente recolhendo ao quartel do Calceco da Bola; uns carroceiros discutiam uma questão de pagamento e um rapaz novo — americano talvez — falou por um telefone de cordel para um terceiro andar.

Ao chegar á rua Nova de Peluz, o movimento era maior; no largo á direita, o chafariz não dava vazão á enorme quantidade de barris d'agua; uma mulher agarrava uns bolinhos e uns rebuçados n'uma tenda portátil; uns soldados caçoavam com uns credas de servir dizendo-lhe chufas grosseiras

a discurras a que ella achava muito graça, sarcoteando-se, desejosa. Atravessou a rua da Palma e aos encontros a mulheres com cestos, a marujos, a fadistas, lá foi subindo a calçada dos Cavalleiros.

Um dos elevadores da Graça vinha descendo; o condutor fazia ouvir o afito agudo para se afastarem; dentro vinha tudo cheio e a luz do platafôrma, augmentando de cada vez mais casava-se com o ruído noturno do atrito das correntes, das rodas e dos carris. Ao lado, um homem estarrupado, com a chaga metálica pendurada no colete perdido, berava:

— Já está um bilhete de cadeira para a Troça Leu geitada! Quem compra, quem compra!

E outro mais abaixo, no esquião:

— Quem vende um bilhete, quem vende?

Um pequeno nargento com uma ardeiraça, passava para fazer a sua ronda a rua do Bagatari; ia com um ar altivo de quem tem á sua disposição uma rua de toleradas... Um bando de costureiras, alegres, sendo ruidos, descia para o Principe Real, de volta do trabalho, contentes e satisfeitas: empéçadas, gelidas, com aspecto doente, iam alegres, ignorando certamente o seu estado, contentes por verem os ralzes abreviarem a rua para lhes dizer algumas coisas:

— Que lindas maninhas! pás um ramo de rosas!

Um grupo de soldados olhava para uma mancha onde havia uma oleographia de santos, a venda, fazendo horas para ir para o quartel, para a Graça. Perfilaram-se e fizeram uma continencia respeitosa,

obrigando Bernardino a desembuchar-se para com o
gorder. Um cavallaria de municipal descia com a po-
leira ao lado, envergachada, limada, com uma expro-
são envergachada de Judão. Umhas penharas burgue-
zas estavam garradas a uma gorta, discutindo um
assumpto qualquer de modas, banal, sem importância
alguma.

Bernardino, ao passar por uma loja de alfaiate
viu dentro, a uma mesa, um homem de grandes bigo-
dos a costar fazenda; umas rolagigas coriam penha-
das em volta e a gorta estavam gorderados alguns
cassacos, uma calça, e uma farda de tenente.

Um elevador subia devagar, cheio de gente e um
candeieiro berrava, no garrão:

— Já está o 4820! Ainda não anda o nodo!

Bernardino chegou ao n.º 61 e viu no garrão an-
dar uma cabeça. Tirou-se. E desembuchando-se Ber-
nardino enfiou a gorta e entrou resolutamente
como se entrasse no seu gordera casa.

No dia seguinte, Bernardino, levantou-se mal
disposto, como de costume, às 6½ da manhã para os
exercícios. Vestiu-se, ia rogando graças a quem o
fazia levantar; berrava contra o carneiro que tinha
tocado á alvarado cedo de mais... Mas levantou-se;
e ainda muito cobremunhado pediu do quarto.

Na gorta da Escola do Exército estava fresco; uma
guicira do norte, corante, fazia dizer aos alumnos
com as mãos nos bolsos, encolhidos, berrando:

— Isto é que hoje está um barbeiro... Bom...

— Está tão, está...

Bernardino já se aborrecia de tanta massada, d' aquella massada de exercicios que não serviam para nada e cuja unica pervertida era massar, em massar! Nasgarden de máo modo quando chamavam, já não sumero e zangava-se com os conjugueiros que lhe falavam. O sol nascia neste momento entre a Graca e a Peinha e começava a deslizar em leve nevoeiro que se formava quasi perde por sobre aquella bainha dos Arjos, Intendente e bairro Medrada; depois começava na a fazer brilhar as claraboias das casas o que dava um efeito curioso e novo. A Graca começava a ver-se bem: a egreja, o convento e a grande casa azul, jeita, no largo; o Castello, mais á direita, porre-se sendo escuro e neto por sobre uma facha de terreno cultivado; e porre o rio — mais além — distingua-se em um esgoso nevoeiro.

O sol peita e faz luzir as gotas d' agua nas folhas dos acalytus da cerca do hospital Esteghamia. Bernardino observava tudo, com as mãos frias nos bolso, o olhar vago, de quem não prestava atenção ao que via, embora visse. Mas, ao mesmo tempo, lembrava-se na mente do mesguro que o obrigava a ir á rua dos Castelleiros a correr, para não faltar ao recother, ás 8 horas. Lembrava-se das fiadas do Eduardo, do Dr. Thielis a respeito do jeque e não lhes achava nenhuma graca. Lhe tinham elles com isso, que observasse, que conversasse com uma rajariga, que fizesse o que

todos fazem? Elles, quando eram novos, não tinham feito o mesmo?

Então o Sr. Abilio, que tinha deixado fazer em Coimbra quando se audeu a formar é que falava d'aquella maneira! Elle, a quem fuzeram a salveinha de "o Abilio das meirinhas!"... E o Eduardo, um pobre diabo, a contar o que avio dizer em lugar de se calar, o malandro!

E tinha uma vontade de se revoltar, de lhes bater, de os provocar!... Elles já não estavam verdadeiramente em idade de se metterem nessas causas, já eram homens serios, ambos casados, com filhas, e com obrigação de se zombarem melhor...

E depois, se se começasse a esgarhar, se começasse a contar que elle ia falar com aquella radariga é nada dos Cavalleiros, todos lhe zombavam cousas, todos o massavam, os condegnheiros riam-se, trocavam-o e os professores não gostavam... E a zanga e zanga chegava a nobreza a Coimbra, aos arredores, a familia patria-o e Jan finm chegaria á Quinta das barbaheiras, a casa do seu pai... Era o diabo! não se biam metter-se comigo e deixar os outros?

E dizia Jan comigo, quasi convencido e com um gesto de desgosto:

— Dacia de bestas!...

E não havia que duvidar, era tudo uma peccia de bestas. Podiam fazer deus cause que não gostava Jan nada, uma cause serio; um numero vulgar como todos os que se usam nas ruas de Lisboa, go-

dia in conflictar a sua vida e escauzathar os seus projectos. Era o diabo!

E Bernardino decidira não admittir aquellas breves cadeiras, aquellas aulas. A' outra vez ficaria muito serio e não daria confiança; fingiria que tinha do sentido já e elles não tentarem com gradas...

Estava assim, zousando desta maneira, quando o chefe deu a voz de avançar e lá foi contrafeito, para o exercício. Felizmente o professor não tinha vindo; estava frio, podia consolar-se e ficara na cama e mandara o referendo dar a noticia.

Os rapazes correram em varias direcções, contentes e já aqueceram; o Bernardino, só, corrigiu o Seculo e gravemente foi sentar-se no quarto a ler as noticias. Percorreu os telegrammas das provincias, procurando alguma novidade de boimera; leu já alto os assumptos politicos; olhou já os espedaculos que havia nessa noite; leu um paneto que viuha no folhetim Luis de Camões e abinou-se já cima da causa que ainda estava desbranchada: começou a ler attentosamente os annuncijs — remedio para gizão de ventre, manuelada globosa, nuoveis de magro... E resolveu-se a esferar com faciencia gelo alveço.

E zousava:

— Se chego um dia a fazer um romance á Bea, muito tanceis mas hei-de dar! Grandes sujeitos!... E o Abiliuho, a trocar-me, quando elle em boimera tinha tres e quatro maneiros ao mesmo tempo! Wem

Garça de Coimbra, meu Garça meu Gabriel... É o outro, o Eduardo, coitado, um verdadeiro golpe diabo, a querer mochar a sogra! É ao cathar jáem tudo em pratos limpos e lá vai a novidade ás barbaqueiras... Estou arranjado!... Deverge estau jáem ver... É como hei-de descalçar isto, todo ao pé o palmeiro? Uma brincadeira... e afinal dá este resultado!... É o diabo!

É foi a um quarto do lado jedir um cigarro para fumar; não era for ricio, mas ás vezes tinha necessidade de se entreter com um cigarro e ia jedil-o. É garçau com os maos nos bolsos, em abitudes de fumar de experimentado.

— O diabo é se a tal reunião em que elle me falou é hoje. Tenho de jedir disjense do recolher... vou jedil-a ao calças, e o metter. É, é verdade: tenho ainda de lavar as lencas que estão sujas como burro... e jeco as esgomas de jua direita ao Katzen, que remde pão me-mores do que as miúdas; lá dar 7 tostões e que não dou... era o que faltava... Pego as charloteiras ao Almeida; elle empasta-as, mas tem outro remedio: dei-lhe mesmo dia dois tostões que não terei a ver... É não jeciso mais nada: cordão, lenço, gravata... está tudo bem!...

Mas de repente lembrou-se:

— É se alguém me vê ir para lá? Começam a falar, ainda mais, a dizer que estou agarrado, que vou casar com a ralagica, que é uma desgraça, mil cousas! É degois uma carta anonyma para as barbaqueiras, já em estou a ver! É começam-me a chamar gato... So-

to use ser o bom e o bonito!... Mas enfim, merecemos.

E depois de reflectir um bocacinho, atirou com a ponta do cigarro fora e olhou para a cerca da escola onde corriam alguns dos seus conterrâneos, alegremente.

Um soldado, tirando com uma fegreira enxada a herua da jarada, trantava uma canção qualquer da sua aldeia e dizia para um outro que está perto:

— Olho lá oh 114! lembra-te desta canção?

O outro dizia-lhe que sim e continuavam no trabalho. Num quarto em frente uns rapazes tocavam guitarra, para subter lêmgo, até ao alusoco, e cantavam um fadinho qualquer. Outros falavam de jurela para jurela, rião-se, contavam anedotas, trocavam alguns belludos; um grupo d'elles, de cavalariá, no meio da jarada, discutiam assuntos hujicos.

Bernardino, com o queixo aguçado na mão, gerava em causas muito diferentes engraçando em baixo, no quartel da municipal se ouvia o toque de canções ni' uma marcha de caninencia e no meio o rodar polvoso dum carro americano que passava para o Jardim Zoológico. Afinal estava desgosto e não se inferbar com o que dissessem; fálassem é verdade, que seria surdo a tais cousas, fossem ellas boas fossem. Mas Bernatheiras não acreditavam se lá constassem esses factos; portanto, o melhor, era deixar correr o marfim! Tris á reunião, continuaria o numero e a disprectar aquella gente toda! Assim é que era!

E quando o carneiro, pugnado com força, tocou ao alusoco, Bernardino já não estava zangado.

Tinha ficado bem comigo; o Alípio e o Eduardo já não eram a "ruína de bestas" de há um pouco e nas barustheiras ruiu-se a palmeira de nada.

E foi a casa do Katzen e chamou-o

— Katzen! já tocau ao alucão!

E o Katzen, estremeunhado, começou a vestir-se e d'ahi a pouco iam ambos a ler o Seculo direitos ao refeitório.

Bernardino alucouar bem; e quando, desceido vergosamente a escada, ia para o abris ganhar um pouco e ver quem ganhava no largo de Beungosto, curio o alucano que estava de serviço, em cima dum banco, muito serio, de bandoleira branca, distribuindo as cartas, berrar pelo seu nome

— Bernardino barreira!

— Oltra fare aqui, feres favor!...

E as cartas veis pelo ar, descrevendo um giro, aos zig-zagues, até cahir no chão. Bernardino abriu-o e viu logo que era d'ella; um condegaheiro, ao lado, dando de galvadinhas nos risos e rindo-se, segredou-lhe:

— Carta de jeguere... ah! seu tolo...

A carta dizia nem mais nem menos que a reunião era nesse dia; pedia-lhe muito que fosse, que não faltasse e que havia de tocar rebeca. Já varias familias conhecidas e que fosse mais cedo para conversar com ella. Enfim, o principal era não faltar e ir cedinho...

— Sempre é hoje a reunião em casa de Damilís, disse para o Katzen; vou pedir desculpa ao café.

— Se elle der...

— Dá pium, verás... Tu dizo-lhe umas cousas...

E entráramos para a aula sem perceberes do que tratava a lição.

No interuallo do meio dia, Bernardino entrou no quarto, limpezou as botas, fôz esferas; foi ao espelho e fôz um lenço no pescoço para a gola da farda subir e fingir que o colarinho era ruais baixo, o do regulamento; encutriu o cabelo já crescido para dentro do bonnet de parvo; escovou-se e viu-se ia todo no andam. Sahiu e encaminhou-se pelo corredor ao gabinete do capitão da companhia; subiu as escadas fazendo titubar as pernas e chegando á porta, perfilou-se, fez a continencia, e disse com uma voz austera e péria:

— V. Ex.^a de licença, meu capitão?

II

Um dia, rubiam zela rua Nova de Palmas, ao anoitecer, dois rapazes da escola do exercito, vagarosamente, conversando com uma certa animação. Um d'elles, de vez em quando olhava para uma mancha qualquer de resplao, para ver no escuro do vidro, se ia bem, se o Kéji ia ainda bem gostó, se o dobrado continuava bem esticado. Olhavam com um certo ar de desdenho para os carros americanos que passavam cheios de gente para a Estrelhania como quem tinha a cabeça de levar os olhos completamente vazios e como quem está resolvido a andar a pé... Algumas vitrines de uma loja estavam expostas em enorme quantidade de lindos para o natal, uns bonequinhos, uns chromos, uns almanacks; comemoravam a profusão de luz que havia n'uma mercearia em frente onde se vendia as boçinhas do natal e queijadas de bina, e concordavam que tinha um ar provinciano rico... D'frente do Principe Real estavam uns homens de cara rajada, os actores, conversando, encobertos a um cartaz que annunciava um drama thão qualquer

que o publico aglaurdiria muito, tirando sem duvida a morte do tyrano.

E no meio desta tumultuosa da vida de Lisboa, os dois amigos iam caminhando, sem consciencia de que obedeciam tambem aos habitos daquelle gente toda. Chegaram á rua de S. Lazaro e acharam que era cedo para ir para cima.

— E demais, dizia um, passada a massa, é melhor andar aqui; escusa-se de estar a aburar lá aquella gente...

E começaram a conversar as formas duma sazariga que estava pendida nos degrãos da igreja do Socorro ao pé duma mulher que tinha uma tenda portátil de limonadas e cafilés.

Estavam indecisos; aquillo tudo terrava-os muito, massados; aquella gente que passava, os carros, as mulas d'americanos, carroças, galegos afregando a agua, tudo isso os fazia ali ficar sem vontade de se mexerem; encostaram-se ao marco postal e olhavam, indifferentes, sentindo um barulho contínuo nos ouvidos, aganhando encontros de quem passava á pressa.

Um camagueiro que ia para cima, disse-lhes adeus, irónico:

— Adeus oh Katzen! adeus Bernardino! Vocês não a fazem boa!...

— Olé! bo-noite...

E o Katzen que estava a olhar para a rua de S. Lazaro, viu descer um vulto de sazariga, airoso, elegante.

— Olha esta rapariga que não parece feia...

— Do longe, pelo menos...

Andávam a ascender os candieiros e não se via já muito bem e para verem a rapariga abrevessaram a rua. Era uma costuriceira, com um ar sempre rabiado e que cósou quando o Bernardino zambicou do tho disse baixinho que tinha uns lindos olhos. E o Katzeu concordou: tinha uns lindos olhos! Era airosa, fina, delicada, e ambos ficaram com os olhos nella enquanto abrevessava a rua, levando-a a sair um pouco para se não sujar e deixando ver a botá gata para muito bem zolida. Levava um zapre no embrulho, talvez um bocado de faranda para alguma vestido e a mão fina, com dedos caudridos e elegantes segurávam a pais mesma abitude estudada melguma, penhoras a casa de quem ia algumas vezes. Abrevessou a rua com um zassinho meudo e meteu zela calçada dos cavalleiros.

Um empregado do carrinho de ferro, honrem zardo e de bigode enfiado deu-lhe um encunhão e disse-lhe uma grossaria. Os dois ficaram a olhar para a rapariga e pensavam numa certa vontade de a seguir, ver onde ella parava, o que fazia, a sua vida, onde ia de dia...

— É se nós a seguirmos? Perguntou o Katzeu.

— Vamos lá...

E abrevessaram a rua a zasso largo e seguiram-na a zassos distancia. Ella zassava-os e abressou o zasso, medrosa, olhando para os lados, para ver se

vistavam obras. Sentia medo, um mal estar, uma
 aflicção, em se ver ali posinha, quasi moita fechada e
 seguida por dois militares e demais a mais, dois ca-
 delês. Lembrou-se de que uma vez, um, no largo
 de Bauntes, chegou-se ao pé della e disse-lhe com
 uma voz amuada, cheirando a aguardente, se ella
 queria ir dormir com elle! E sentia medo que estes
 se chegassem perto e lhe dissessem alguma coisa as-
 sim; sentia-lhes já o belinhar das safonas nos pedras
 da calçada e imaginava ver-lhes já a chapa brilha-
 te do Kegi a brilhar á luz das lojas da rua. Aduan-
 te ia um grupo de senheras, subindo a calçada vagar-
 osamente, com umas avas adiante, levando
 duas creancinhas pequenas, de côlo; uns homens
 seguiam atrás, olhando-se nas bengalas e conversa-
 nado sobre causas particulares. Ora á vista deste
 grupo a rajaria cobrou alento e apegou mais o
 passo para se collocar sob a sua protecção; ao pé de
 senheras com certeza os rapazes não diziam nada,
 e se dissessem não era coisa como o do 'oubro, o do
 largo de Bauntes...

E othou para trás, triumphante, para os dois rapa-
 zes que seguiam obras della; ainda se sentia-se can-
 sada com a corrida. O que lhe realia era estar quasi
 ao pé de casa e animou-se; sentiu então mais de-
 gar e os dois seguiram-na sempre.

Elle pensava longe, quasi ao arco de Santo André
 pensava sobre-loja, por cima duma loja de ferro netta
 com um S. Pedro numa gravura em aço, fendurado

à porta, um candieiro de três braços, um puothe de chaves, tudo junto numa mistura surrealista característica; e lá dentro, à luz de um candieiro de jetro-las, fumarenta, um velho baixo e negro, com uns olhos enarriados, línguas o tanto de um vislão que não tinha braço.

Foi na porta acima desta loja que a castureirinha parou, momentaneamente a breves, para se ver só, entregue aos ditos e às troças dos dois rapazes que ainda a não tinham abandonado; bebeu a porta com o fenocho, com força, para th'a abriram mais de grossa, e como th'a não abriram logo bebeu de novo com mais força ainda, que fez estremeecer o velho adoleiro que olhou para cima dos olhos para a porta no momento em que passavam os dois amigos.

— Oh, oh! commentou; meus com medo, meus... Fria-te no virgem e não comas... E com voz alta para ser ouvido: brêdo, mezinna! olha que deita a casa abaixo!

Os dois rapazes chegaram quando ella botia segundo vez; elle voltou a casa para a porta, escondendo-se tímida, e esperou zaciamente que th'a abrissem; e sentiu uma pancada no coração quando os dois pararam de braços dados, ao pé, a olhar para elle e falando baixinho...

O Kstjen queria falar, deise para onde deise.

— A mezinna ia nos matando a subir! Eubas tido um e medo de nós? E que bonito que é!

Elle breves e teve vontade de abrir com o cu-

lenho da rede á cara. Mas o Bernardino não era
homem que desisse assim causas e razões, sem
gras nenhuma; era sempre zobó e erudito nos gra-
cejos, sempre diplomata nas zindas. Com uma curva-
tura sólida avançou:

— Eu, simplesmente lhe digo que bem seus olhos
mais lindos que os meus... e zobó - lhe só uma coisa,
minha penha:

Um beijo na cara
Pede-se e dá-se:
Dá?...

E ficou no mesmo zobó engarando uma rede-
ta. Ella ficou calada, mas estas palavras roaram-lhe
ao ouvido de uma maneira estranha; achou não sei o
quê, uma qualquer coisa mais suave e mais fina
que a do outro, do belido; encontrou-lhe um certo ar
de galanteria e que não estava acostumada, e teve
curiosidade de olhar zobó ver quem era que lhe falava
assim... Mas receava não quem era e não disse
mostrar os olhos que elle gabava tanto, desde lá de
baixo, do Príncipe Real. E depois, enfim... zobó me-
do!...

— zobó zobó não oha? zobó me!...

— E eu não recei zobó feito no meu zobó? zobó
zobó o Bernardino.

Mas a zobó abriu-se e uma zobó avestibada
elareceu; o zobó ainda disse

— Não penha, não é, zobó - me...

Bernardino curvou-se e zobó o zobó. E em-

quanto elle subia os degrãos da porta da porta, elle dizia-lhe confidencialmente, vendo as saias moldarem-lhe as côxas, ao subir:

— O padre Antonio Vieira já dizia: a gloria começa do mundo e chegar a pedir e depois de chegar a pedir, acudir um não!

Mas a mulher que abriu a porta protestava:

— Garça de malandros! É para isso que os fados andam a trabalhar lá na terra!

E abriu a porta com força. O Katjen e o Bernardino acharam graça á mulher e riram-se. E dando o braço, seguiram-se abaixo para a Escola.

— Pois a rapariga é bonita, é; tem uns olhos que não uma belleza; é miúda, como eu gosto...

E o Katjen concordava; ia zombando, alguma coisa o zombava e dizia confidencialmente para o Bernardino:

— Não rapariga, quando ia a subir como se lhe conheces a fôrma da fôrma, muito bem feita?... E acabou distraidamente: e tem uns olhos bonitos, tem...

Os dois amigos sustentavam á esquerda, pela rua do Colégio abaixo; iam comentando a rapariga que tinham seguido. Bernardino só falava da belleza dos olhos; Katjen lembrava-se das côxas desenhadas pelas saias, ao subir os degrãos, e da fôrma que se via, e da bota bem abotoada, calçada numa meia gorda que á luz dum candieiro proximo parecia fina; lembrava-se da cintura agendada e airosa, uns

quadris bem lançados e um grito bem feito... E ao chegar á rua das Tendões voltaram novamente á rua dos Cavaleiros.

Nesta rua havia o movimento do cotidiano: elevados, res, carroças, gente para cima e para baixo; e aos encontros, aqui e ali, os dois amigos foram descendo comentando ainda a raiz que tinham seguido.

O Bernardino ia olhando para quantas casas via as janelas, não achando nenhuma bonita, dizendo que era tudo feio... O Katzen olhou para uma janela mais abaixo na curva da rua e disse apontando o braço do amigo:

— Ali tens uma exceção, Bernardino. Olha aquela janela...

Bernardino olhou e teve de concordar que era uma exceção. Havia perto um candieiro e em frente uma loja de velas de cera; e com estas luzes, Bernardino viu que era realmente uma linda casa de raiz, com cabelos pretos, olhos castanhos expressivos, um pouco mesquinho.

E abraçaram a rua, a vontade de verem as velas de cera da loja em frente para poderem olhar melhor. Ella não fugiu, ficou á janela, olhando o movimento, fingindo não os ver.

— Não dizias que não, oh Katzen!

— Não eu...

E Bernardino tomou nota do numero da porta para não esquecer...

E seguiram para baixo porque era já quasi a hora

do recolher, olhando de vez em quando para traz...

— Eu tômo a minha conta a castureira, que dizes?

perguntou o Káthari.

— Boitadito, ella parece tão innocente...

— Ora adeus! se não fôr eu e' outro!

— E eu o que faço e' arranjá-las numero com esta do numero 61. Gostei daquella cara...

— E as Castureiras?

— Ora! quem e' que lá vai dizer!

E caminháram logo ali fizeram numero, um á castureira, outro á nalgareira do 61.

Fragmento: ⁽¹⁾

.....

Bernardino aproximou-se mais e segurou-lhe a
mão; ella recostou-se na janella e com o movimento,
o roução abriu um bocado. Bernardino via avida-
mente o zescoco branco, cheio, sem diferenças de cor e
sentia seus certos desejos de se lhe abirar aos beijos,
fencavel o todo, descer um pouco com os labios e che-
gar aos peios...

Uma mulher branca, como algodão, passando
devagar, encubriu a luz e tornou o largo mais sensu-
lino; um gôto, no tomado em frente, passava agitado
láhu, esferando alguma aventura amorosa, com a
canda levantada e rosando ruidosamente; o gôlicio
da rouda passava, batendo com as botas fencidamen-
te nas pedras da calçada e de mãos nos bolsos, indo-
lentamente; e para o circo da rua, ouvia-se alguma
tassa, rumo recanto, o toque de guitarras chorando

(1) É' uma conversa entre Bernardino e a raiziga da rua dos Ca-
rellinos, 51, mas a uma janella do lado de rua do Bagelão.

o fadinho e com voz roufenha cantando umas quadras obscenas.

— Ache-te hoje linda, disse Bernardino, forçando-se a dizer algumas cousas. Nunca te vi assim...

— Então é porque algum dia me encontraste feia...

— Não, não quem dizer isso, tu és sempre bonita. Mas acho-te hoje um não sei o quê...

E encobriam-se com a capa até quasi aos joelhos... O roufão, indiscretamente, abria-se um pouco mais e Bernardino olhou, com olhos queimados, para dentro. A luz descolou-se e deixou ver parte dos seios; e Bernardino agora agarrava-lhe as mãos com força e queria beijá-las...

— Então hoje tão amavel...

— Não queres que seja amavel contigo, que te beije as mãos, quando ellas são tão bellas, tão brancas e te vejo assim, á luz da lua, tão formosa, tão deslumbrante...

— Oh que madrigaes!... É a mais noite!... Oh que se a glória ouve...

— Que faria ella? Perguntava Bernardino ofendido nos seus olhos de militar.

— Naturalmente... ria-se!

E quando cedia com um braço ás caricias que Bernardino lhe fazia, ao baixar-se, uma aba do roufão prendeu-se, o colchete rugerian desabotoou-se e deixou ver quasi completamente o seio branco de Emilia, que só então reparou que o tinha desabotoado. Gárou e quiz fechá-lo; mas tinha as mãos

vezas e ficou assim um bocado, á luz da lua. Outra mulher branca esculpir discretamente o luar e os jassos de Jolicia sentiam-se já reunidos ao longe, ao fundo da rua.

Por fim, Bernardino, resolveu-se a largar a mão e quiz despedir-se. Queria tomar ar, ver-se livre d'aquellas sensações que o atordiam...

— Então stê amanhã, disse. Doreme bem e adeus.

— Adeus, Bernardino... e abotoando logo o casaco, emvergonhada: não faltés amanhã...

E fechando a janela, foi para dentro, e lançou-se sobre a cama, quasi nua; olhou para os braços, para os feitões, e achou razão a Bernardino em zottar de o ver... Achou que a luz era de mais e apagou-a. Tinha o corpo nudo quelorado com tanta sensação...

Bernardino, depois da despedida, chegou á esquina da parte superior do largo e parou; estava indeciso. A cama de Brúlia atordara-o e não se lhe tirava da ideia... Continuou a subir quando ao lado sentiu um discreto «pat!» lançado quasi a medo. Olhou: uma tolenada estava sentada á porta, com os pés quasi nus, calçados com as chinelas características empregadas no marquez de Alegrete; encostada ás costas de cadeiro de pau, fumava um cigarro e a luz do candieiro pendurado á porta dava-lhe um cheio no rosto enoldurado em caracões e ainda polvesschiam dois olhos negros, bonitos.

Sorriu-se com um sorriso contrafeito, estudado e que lhe desculpiria umas rezas; fez um gesto

no signal com a cabeça; Bernardino Janou; algal.
 Sou uma algalheira onde nasceu telicitar nascedas de
 yata e entera.

.....
 Meia-hora depois o gólicia de ronda subia a rua,
 yestamente; viu abrir-se uma porta e sahio della
 um jacto de luz. Lá dentro ouvio dizer:

— Britas adeus e muito obrigado; e quando qui-
 zer.....

.....

Planos literarios

(fragmentos de cartas a M. T. en donde va-
rios e fantásticos planos literarios que
nunca se llegaron a realizar.)

Lisboa:

22 de Janeiro de 1902

... estava prontem a ler o livro de contos da Trini-
dade Coethe «Os meus amores» quando ao acabar
um dos contos rústicos imaginei logo um grande
glorio litterario...

E eu pensei logo: em Miranda do Corvo, mesma
ruanhã de Jiruaniera, o povo corria á estrada, aco-
tonelando-se alegre, ruidos, para ver qualquer coisa
que vinha do lado da ponte.

Os castanheiros da estrada davam uma sombra
enorme onde o povo se abrigava do calor do sol; e
ao longe, do lado da ponte, do monte d'aveleiras
da encosta, ouvia-se o toque de uma corneta.

Aísto, na curva da estrada, apparece um soldado,
logo um official, depois um destacamento inteiro.
Cheios de go, ruidos, curvados ao gesso das mochilas
e das espingardas, os soldados respiravam jelo des-
causo.

Era uma força que vinha para a villa por causa d'
umas eleições que haveria d'ahi a uns dias.

O destacamento lá ficou umas duas semanas e o alferes que o commandava era um lindo militar, garboso, sério. Conhecia já toda a gente e a todos insultava symphoticamente pelo seu trato e pelo seu carácter. E a verdade é que d'ahi a uns oito dias, depois da chegada, o fero, essa creança recida, dizia á sua bocca seguinte:

— Olhem que o alferes anda mananado da murgadilha da Ribeira!

E outros acrescentavam:

— E elle está, que é um anjinho, abosso Senhora a consense!

— E elle é um bonito rapaz...

Fera o caso que fora o lado da ribeira que corre junto á vila, havia uma quinta grande no meio de qual existia um netto solar onde morava uma familia antiga. Dessa familia existia pouco gente já e das filhas do netto morgado, a mais netta era uma rapaziga muito linda, muito recolhida, muito séria.

O alferes do destacamento viu-a e deixou-se prender pelos seus encantos: apaixonou-se. Ella, gostou do alferes e nesse seu frívolo amor desbrochou todo o seu coração virgem d'afectos.

Quando o destacamento teve ordem para retirar, a morgadilha, vendo do seu varanda, ao longe, os soldados a marchar, pelo estrada acima, em zig-zague, chorou e chorou muito. O alferes

a cada curva do caminho, olhava para traz e lá no fundo via, no vale, o velho casarão do morgadio, e nos ramos de um vulto de mulher, tomando os olhos com um lenço branco.

Da vila esgotou-se que o alferes ia casar com a morgadilha, e que a morgadilha, depois que elle fôra para Coimbra andava sempre a chorar a sua-
gracia. Diziam uns que era um máo olho; ou-
tros que o alferes era um excomulgado, da religião
dos pedreiros livres e que elle é que dá a sua parte
é menina.

O povo dizia estas cousas mas a verdade é que
no correio da Louzã, trazido a pé por um pobre
malheiro vinham cartas todos os dias e que cartas!
Cartas cheias d'amor para a morgadilha e d'elle
partiam outras iguaes.

Assim se passou um tempo e de quando a
quando, na diligencia da tarde, de Coimbra, algu-
ra se um rapaz novo que uns diziam ser o alferes e
que ninguém mais tomava a ver. Alguns nota-
vam — que ingenuo que é o povo! — que nas ves-
tas desses dias, a morgadilha andava mais alegre,
concia mais, vinha ás janelas, conversava com as
raquias, tocava piano... E que depois tomava a
andar triste, pensativa, descia ás vezes ao jardim
esconder-se numa caracuncha com uns "gafes"
na mão, para os quaes olhava muitas vezes...

Um dia porém, houve uma novidade extraordi-
naria na villa; todos aglutinavam para o velho casarão

fidalgo com um riso franco de alegria e satisfação:

— A Margaridinha não casar-se!

— Como quem?

— Como o alferes de deslocamento.

— Ora brenha-os deus!...

E d'ahi a tempos, por umis madrugada fresca de verão, os piros reficavam alegremente; o povo corria e abria flores aos noivos que desciam da igreja muito perios, muito gelidos, mas muito ja bonito e encantador.

Os rudes juvenis degenham a ferozmente e corrijavam; as mulheres lançavam flores e bênçãos; os pequenitos gritavam, cantavam e corriam; e os noivos, muito gelidos, seguiam la deira abaixo até aos carros, com os convidados, enquanto os melros cantavam, as andarinhas comecavam a chilrear em numeros jelo azul do céu e a cigarra do alto das arvores fazia admirar um dia de calor.

E a ribeira, lá no vale, corria mansamente até ao acude, onde se desguilhava em cachão, desfazendo-se em esguima de encontro aos pedregulhos rolicos.

Aqui está o que é o glauco, nos seus fundamentos. O romance visa principalmente a glorificação da vida dos caudallos; os amores do militar e da margadilha são a adlogia de um amor piungles de duas creaturas também piungles.

E a história de uns amores jurificados jelo cheio das flores agrestes, jelo ar frio da penna, jelo negro

dos quinteiros das encostas. E no fim, como epilogo, esse casamento no campo, nunca deliciosa manhã de verão enquanto as cigarras começavam a suspirar o canto e os rios a desferbar.

A vida do campo seria, como disse, glorificada; a labuta do aldeão, o labor das terras, as colheitas, as ceifas, as descamisadas, as feiras, as meias de domingo... E o romance correria novamente por esse meio; a madrugada algarceria por entre os cravos e as rosas dos canchãos do seu terraço, jazendo no jardim por entre as flores; e pelo bocce do zoro, correria a história toda.

.....
 Poder-se-hia chamar O Noivado no campo...

Luro:

14 d'agosto de 1902

O meu Noivado no campo talvez seja uma história linda se eu a conseguir escrever...

Mas duvido. Sou tão leviandoso como estas coisas que estou a ver que o não acabo se mesmo fôr capaz de o começar...

O livro de contos "Os meus amores" é que me veio sugerir a ideia dum romance assim e que fez com que eu, um dia em Lisboa, pensasse logo no plano geral do livro.

A chegada do deslucamento por uma manhã de primavera, é vila, por sob os castanheiros e alarvos

da estrada, de Coimbra, amplexando o sol viaha estirar as pombeiras, ao congreido, zelo carente; o ajuntamento do povo que viaha ver a toja, admirado e comido dos soldados que viaham cheios de jó; o moço alferes, ao lado, perfilado elegantemente, com mandando a força; o velho morgado da Ribeira, hospitaleiro, como os seus antepassados, oferecendo a sua casa ao jovem official para nella passar o tempo de deligencia; as eleições de ali a uns oito dias, reuvidas, em que os caceteiros das bñas fizeram das suas; a visita do alferes ao velho solar onde vive o thesouro encançado do fidalgo — as filhas; o amor do jovem alferes pelo morgadinho; a garbiada do deslucamento para Coimbra, tristemente, requido de lauz, de uma janela encastilhada em vendura, por uns olhos charros e bristês; as viagens subitas do official á vila, por noite velha, para falar ao balcão coberto de vendura, com a linda morgada; e finalmente o noivado na igreja da vila, lá no cimo da colina, por uma madrugada calina, cheia de poesia... tudo isto, se me desanhar no escripto no dia em que me lembrei fazer o romance.

E começou-me a paltar ao escripto umas innumeradas de cousas: descrições, conversas, cartas, commentarios do povo.

Oxalá que o escreva; é journal que sóia alguma coisa com gosto...

Listoa:

.. de abril de 1502.

O meu projectado drama historico, D. Lourenço d'Almeida? E' isso?...

Eis o caso: em 1505, a 25 de março, partiu para a India, de Listoa, D. Francisco d'Almeida a quem D. Manuel tinha feito 1º vice-rei. D. Francisco levava na armada, além de muitos cavaleiros e fidalgos dos mais valentes e ousados, seu filho D. Lourenço que, segundo as chronicas, era o cavaleiro mais gentil e mais perfeito da corte.

Era alto, vigoroso, de formas athleticas, mas reunido a isto um rosto lindissimo, emoldurado de cabellos loiros, finos, em caracões, e umas maneiras deslumbrantes. Era querido e desejado por todas as damas da corte do rei D. Manuel e quando foi para a India deixou em Listoa uma dama, nobre e (creio eu) parente, com quem casaria, na volta.

Particou para a India e lá, D. Lourenço, sempre valente e ousado, fez proezas extraordinarias, com a sua arma favorita — uma alabarda. Um dia, o rei, mandou-o numa armada atacar um esquadra de turcos que se dizia que estava em Dize; elle vai e muco como era, e portanto inexperiente, deixou-se levar mais pelo seu genio aventureiro que pelos conselhos bons dos seus guerreiros velhos e experimentados e atacou a armada dos turcos; estes eram bons soldados, e aquecidos em

nuitas guerras e facilmente venceram os portugueses, poucos e mal commandados.

D. Lourenço, na sua mão, combatê heroicamente com a sua alabarda. Um zeloso inimigo veiu e deceghe-lhe as pernas; e mesmo assim continuou o combate fazendo girar sobre o cabeça a formidavel alabarda! Por fim faltam-lhe as forças e dois soldados seus, para o inimigo lhe não agarrar o corpo, lançam-no ao fundo do mar, por um roncho do jorão da mão que se ia slagando pouco a pouco.

Erão heroicamente doídos, erão extraordinários esses honras de cubão!

A batalha portanto foi ganha pelos turcos e D. Francisco recebeu a noticia, pouco depois, em Cochim que era cubão a capital do nosso imperio do oriente.

D. Francisco adorava seu filho; queria-lhe mais do que a si proprio. Não se esquecia-se de que era o "niso-rey" que não somente que era seu e este seu amor levava-o a loucuras. Recebeu a noticia friamente, que não se mostrou fraco deante dos seus guerreiros por seu filho ter servido em serviço da patria, do rei, e de Christo!

Erão assim esses honras!

Depois, pôsiinho, chorou e jurou vingança! Não se lembrou que era governador da India, vice-rei e almirante geral; não via nada disso. Via somente que era um pai a quem tinham morto um filho; e durante muito tempo zelou uma armada formidavel e em janeiro de 1509, lá está elle em de-

manda da barra de Dier, encontraram-se com os turcos! Embrou a barra; e o combate foi tão bem dirigido, tão bem dirigido e os nossos combatentes tão bem que a derrota dos turcos foi completa.

A armada d'elles foi para o fundo e a cidade de Cambaye, em frente da qual se deu o combate foi queimada.

Diz uma chronica que D. Francisco ao ver a cidade a arder, disse olhando para o céu:

— Não tinhestes meus vobos, os meus, no teu funeral, meu filho! Ah! te arde a tua cidade!...

E chorou, esse velho forte e invencível! Chorou lembrando-se da morte de seu filho, cuja noticia já se tinha causado abalos no arjente fucido e bem conformado; e depois desta vingança ficou satisfeito e voltou para Cochim.

Esta é a historia, o que nos contam os historiadores: Puy de Riva, Gaspar Barreira, Diogo do Couto e outros e sobre este facto, romanisando-o é que architectei o drama.

Conseja meu conselho de capitães da armada já posto do Indis em que se continuavam varias expedições.

No 2º acto a scena passa-se em Cochim, nas festas de coroação do rei de Cochim por ordem de D. Manuel e durante as quaes a filha do rei, uma hinda muito bonita, se apaixonou pela beleza de D. Lourenço.

No 3º acto, ha a partida deste para Dier e a desfezida da filha do rei que jurou morrer se D. Lourenço

morrer por lá e em um 2º quadro representa-se o combate em Dica e em que D. Lourenço é morto.

O 4º acto é aquelle de que eu esperava tirar mais effeito: D. Francisco Jazeira no fortaleza de Cochim jurando ao filho; não dizer-lhe que elle morrera combatendo gloriosamente e elleprio e infelizmente algrenbamente, consola os fidalgos que choravam aquella perda, manda-os vestir galas pelo victoria das armas portuguezas e que os navios deem as palmas do estylo á bandeira nacional! Nisto, entra mais Doida, a filha do rei de Cochim que busca a nobreza e não morren nos braços do vice-rei que combinas sempre mostrando-se animoso. Por fim descede todos e fica só com o seu secretario intimo e entra nos seus quartos a chorar como uma criança. Este acto deve ser de effeito e é todo historico á excepção do peccado da filha do radjah de Cochim que é a unica coisa a mais.

O 5º acto, finalmente, jassa-se na tolda do mar de D. Francisco no fim do combate em que elle viu a morte do filho; manda incendiar a cidade, diz a tal phrase que já citei e chora novamente ao lembrar-se que no fundo d'aquella bahia deve estar o corpo de seu filho, dizendo para os soldados e marinheiros que silenciosamente derramavam lagrimas em volto delle:

— Posso, enfim, chorar!...

Lisboa:

3 de junho de 1802:

O Fernão Moniz é um romance d'amor e d'aventuras, um romance em que o fundo principal é um grande amor à antiga e no fim uma maravilhosa desgraça; em que o herói de cavalleiro corre perigos com a força do coração e em que a honra não cede o seu rey ao gozo e ao prazer. É um romance todo cavalleroso, desde as lançadas da Porta de Santa Catharina até a morte de Salvende.

Fernão Moniz soube amar, soube viver amando soube combatter e soube morrer com alvura e com amor.

.....

O encêdo do romance é afinal bem singular, bem bizarro até.

Enquanto durou o cerco de Lisboa, o casamento de Fernão Moniz com Maria de Menezes ficou definitivamente resolvido: O neto Vasco Martins irá nelle a felicidade da filha e Fernão alcança quasi como um mytho, um honorem salvador de uma situação. O casamento fixo-se.

Mas o rei de Castella levanta o cerco e parte contra o seu reino e o esculpeiro Affonsoannes, outro cavalleiro lá foi tambem, reunindo vingança.

Alguns alvares vieram a Lisboa e com o Mestre d'Aviz trata do dezoito do reino; já se algum tempo e quando o rei de Castella entra novamente em Portugal por Vizeu e Coimbra, Fernão lá vai na hoste esgarar os castelhanos em Aljubarrota.

Na véspera da batalha, Jerem, o Mestre manda-o cumprir uma missão importante e Fernão lá vai, visiva caída, acompanhado por um simples escudeiro, cumprir a ordem do rei.

Mas Affonseannes vigia o acampamento; viu-o sair... corre-lhe ao encontro com outros cavaleiros e apesar de grande resistência foi preso e levado como espião à presença do rei castelhano: Era um traidor... cumpria-lhe agora morrer!

Affonseannes tinha previsto tudo: a todo o galope manda a Lisboa um escudeiro, fugindo-se do rei Johuquez, dizer a Maria de Meneses que Fernão tinha morrido enfocado.

Maria recebeu a notícia aparentemente tranquila; Vasco de Meneses cahiu de golpe, congestionado, sobre o poleado e Martin teve a grande dor de ver o pai morto e de ver sua irmã entrar em um convento, cortar os seus longos cabelos pretos, e vestir a cogula severa das monjas de S. Bento.

No entretanto, a batalha d'Aljubarrota deu-se e venceu-se; Fernão Moniz soude fugir no meio da confusão e combater ainda na ala dos marinheiros. E quando ao longe avistou o elmo do seu rival, enfiado e brilhante, correu doidamente.

A lança voou e fez-se em estilhaços de encontro ao tórax brial do cavaleiro e Affonseannes foi voltar o ultimo resplendor de brôca, sobre a joia do campo.

Depois da batalha, Fernão marchou para Lisboa

com a hoste e quando entrou triumphalmente os
muros da cerca, alegre, satisfeito, por in' dezir aos pés
da sua moirva e sua esjada de combate, correu ao
seu joze de Vasco Manuezes.

Viu tudo fechado, tudo cerrado! O coração ba-
teu-lhe... os braços cahiram-lhe... e baqueou no la-
gado da sua. Marbim Vasques socorreu-o, abra-
çou-o, chorou com elle; ambos vaterosos, mas am-
bos desgraçados...

Maria julgava-o morto; foi uma terrivel desilu-
são! E sobre a cruz das esjadas, Fernando e Marbim
juráram morrer mas combatendo pela patria e pelo
Rei.

Alguns tempo depois encarceráram-se na hoste
de S. I. Iuanes que andava pelo Alentejo. Entraram
por S. Estrella e em Valverde, no meio da floresta, os
dois andavam juntos. Um virate mais forte matou
Marbim Vasques.

Fernando não heridou; chamou o seu escudeiro e
afastou-se para longe; tirou da escarcella uma longa
carta para Maria e o seu testamento e o de Marbim
Vasques, legando-lhe, ao escudeiro, as fortunas e obri-
gau-o a partir para Lisboa. Algumas o viu afastado
correu doidamente ao meio da reprega; lançada pa-
ra aqui, lançada para acolá, onde a lucta é mais
reunida, onde a reprega é maior, até que, com a
arreadura em bocados, uma lança inimiga o
veiu trespassar e elle cahiu do cavallo, desavalgan-
damente!

Quando Maria recebeu a carta, ficou tranqui-
la. O seu espirito parecia suspenso, os olhos fitos
no céu, como se esperasse... e morreu!

Figueira da Foz:

24 de setembro de 1852

" Junto da fonte de pedra de grande arco abatido, e
à sombra de uns grandes castanheiros, a boa Tia Ma-
riela esperava com a filha, a chegada da diligencia.

" Já tardava tanto!... O sol já ia alto, bem alto; to-
do o povo já tinha já feito o trabalho do dia, já a la-
buda do campo; o rapaz já jogava o botão no adro da
esreja e ainda ao longe, no fim da grande recta da
estrada de Coimbra não tinha apparecido o carro.

" — Sua terra escurteado? perguntava a boa da re-
motá, com uma certa commoção no voz. Algum desas-
tre, santo Deus!

" E ficavam mudas, as duas, deante da natureza
esplendida que renascia em volta d'ellas desde as ri-
beiras que lhes passava aos pés até aos campos muito
verdes, muito frescos.

" Um drama inferno, muito inferno se desenrola-
va na alma das duas boas creaturas, áquelle hora,
naquelle sitio, enquanto esperavam o carro de eide-
de, junto da velha fonte de pedra.

" Tinha de ser; e não lá contra o destino!... Para
a parte! tinha de ser!... e aquellas boas almas tristes
sentidas, se abandonadas, parece que se confundiam

na nudez, em significarem pelo silencio o combate que lhes ia dentro.

Já começava a passar gente pela estrada e o mol a fazer brilhar o telhado de ardósia do conventuario da igreja; um gostosoito, um adolescente, meio estorvoado, guiava um rebaiho d'ovellas que faziam ouvir os chocattos ao longe, nem badalar nem bomo. Quando o geyuero passou na gente deu com os olhos nas duas e nas suas imaginações infantil viu que alguma coisa de grande se passava nas duas olhas e com os olhos admirados deu os bons dias.

"— Sa com Deus, meusinos, dizio a tia Manuela, o senhor tá que..."

"E otton longamente para a estrada, do lado de Coimbra. A filha de tia Manuela, a linda Maria José estava ali para embarcar para a Figueira; ia servir para uma casa, ia per creado de dentro, nem caso de familia muito serio, muito honesta e muito boa. Mas táve muito segurar-se de familias suas que havia de fazer, se eram pobres, se precisavam ganhar o pão? A lembrança do auro passado não tinha de do quasi nada; a chuva arrasara os campos e uma cheia nos fins de março veio enfolhaceal-os mais.

"— Sua havia de fazer?... era o portó, ia servir!"

... ..
Era este o começo do conto "A morte de Maria José" e por aqui ficou...

Perden-se algumas cousas? Talvez nada se perdesse se em elle ficasse nesta altura...

Se se havia de assistir á morte da rapariga, com
 uma creança nos braços, dizendo no extermínio da ago-
 nia que lhe tratassem o filho e poltásem o casal de
 zambas brancas que tinha, foi melhor assim.

As zambas voariam pelo espaço para não mais se
 verem e eu ficava a pensar se não teria incorrido ni
 um crime sendo no papel uma das peiores justulas
 da humanidade.

Porque não havia de guardar isso para mim, um
 facto ignorado que ninguém de certo imagina e que
 me foi revelado por uma pessoa amiga? Era o
 mesmo que mostrar uma chaga festulenta que até
 ali estivesse encoberta...

Deixar lá afodrecer o corpo do infeliz que a esta
 hora terá dado no cimiterio as mais lindas flores
 dos tumulos, que terá chamado sobre si as bençãos
 de todos — tão novo! — e guardemos o segredo que
 nos foi confiado. O seu corpo formoso ha-de florir
 em formosas flores que crescerão com o sol de grama
 vera alegre e quente e a sua memoria ha-de ser
 recordada por aquelles que no mundo ainda têm
 alma, têm coração e — o que é raro — que sabem
 lembrar-se dos infelizes.

Esta historia triste foi-me contada na Escola;
 eu estava deitado e quem me a contou, alegre e des-
 preocupado, contava-a como uma anedota, como
 um caso curioso sucedido aqui, junto do mar.

O riso que acompanhava a historia parecia-
 me um crime; e desculpava-se como que se con-

Tava uma morte jaracai - me vileza... Eu tremi e senti qualquer coisa de estranho dentro do meu ser.

Como nós pomos neste mundo! como pomos ruínas, vilíssimos, baixos como a terra que pisamos! Eu senti estafrios... e como uma homenagem eu tentei-me de cantar aquella infelizmente ruína como que eu faria por ser bonito, como se fosse grato e memorioso da martyr!

Eu congeladi-me e odiei os honreus...

E ha almas neste mundo com um crime a juras mas e ainda sabem rir, ainda sabem tocar, ainda sabem falar como outras juras e pãs!

E imaginei-a - a martyr - no leito de morte, soltando o casal de jombas brancas que voariam pela immensidade, como a sua alma jura voaria jura o immenso etada, justificada das formas imperfeitas, lingua das musculas do mundo miseravel. Imaginei-a, tal como eu sou capaz de imaginar um infornio.

Mas, jura que justificar uma coisa destas? Para que?...

Não será profana a possibilidade do tumulto indo evocar a imagem de morte, do ruído das suas flores tristes jura a trazer ao mundo, arrastar aos olhos mãos do gente que o habita?

Oh! deixal-e lá rocegado, no ruído da terra, a jura Maria José, a pé com os seus condegaueiros, os venues, que nem lhe tocarão no corpo. Se fosse volvido um século, o seu corpo encontre-se-hia in-

corrupto, dando saiva ás lindas flores fugerá-
rias e jastó ás tristes imaginações dos gostos, que
amam a desgraça, que têm alma e sabem o que é
o coração humano!

x

Coinbre:

15 de outubro de 1802:

Isto, é, no fim de contas, um conto... E não será
isso, esta confissão bem singela?

Quando eu tinha os meus doze e quatorze annos
morava ainda minha casa á Praça Velha e cujas
janelas para o lado de traz deitavam para o Romual
em celebre largo das fogueiras de S. João e das ra-
jarigas bonitas.

Na alegre noite dos folguedos e descantes quem
antigamente queria ver a mais linda «fogueira»
a mais jovial e cativa, ia de certo ao largo do Romual.
Quem queria ver dançar bem, ouvir umas canti-
gas bonitas, e ver rajarigas lindas, ia com certeza
ao Romual pois nenhum outro havia que lhe chegasse.

Ors nesse tempo dos meus doze e quatorze annos
morava minha casa desse largo em uma das lindas ra-
jarigas de então. A casa era pequena: dois andares
e uma trageira e nesta trageira havia uns pequenos
degraus de ydro onde se lavava roupa. Ficava mes-
mo em frente da minha e a regaral-as havia um
beco exquisito e cujo a que a Camara mandou pôr
o nome de "Beco dos Prazeres" nome que ainda

hoje converso para inarrredáveis memórias. Morava no caso um alfaiate, casado e com três ou quatro filhos, modesto, vivendo pacientemente; mas a natureza deusa-lhe uma filha, a mais velha, que era uma das belezas do Troncal e que de certo o indomável misava dos gozos bens que neste ~~o~~ mundo lhe conferiam em parte.

Chamava-se Sulima. Era branca, de uma bran- cura esplendida; o rosto altivo parecia engeido, orgulho- so; e a dar-lhe o maior grão de beleza dois lindos olhos pretos, dois olhos negros como a noite escura...

Teria então a minha idade, dose a quatorze an- nos, mas era uma mulher já feita. A Sulima era uma belezas do Troncal...

Um dia fiquei encantado ao vel-a na trageira da casa, a lavar roupa, com as mangas do chamele arrequeadas, deixando a nu a dois lindos braços bran- cos. Batia a roupa sobre os degraus de pedra, cantá- ndo, e eu, na minha imaginação infantil imaginava um amor enroure por aquela linda risinha de olhos negros, que lavava a roupa na tra- geira, ao pé da grimeira.

Os meus dose a quatorze annos não a tornaram a esquecer.

Ja vel-a no serviço do custume, todos os dias em que havia sol, para a varanda do terceiro andar da minha casa.

Ahi, deixava fechado o volume de Julio Verne e imaginava como João per verdade um grande

amor... vendo a linda risinha de olhos negros a lavar roupa com as mangas do chamber arregaçadas, mostrando os braços nus, cantarolando alegremente:

« Os fogueiras do Torreal
mettem todas a um canto... »

E eu ali ficava, no varanda. O' neres via-a sair; descia á rua muito bem trajada, altiva, orgulhosa, como uma tricana-fidalga; seguia pelo lado da ao lado de cima, e entrava na Praça Velha ao tempo que eu ia ás janelas do outro lado para a ver.

E elle seguia no seu passo mesquinho pelo lado da abaixo até ao fundo da praça onde a mãe tinha uma pequena loja, uma venda de pão e arrufadas. Depois, voltava com um cesto, e entrava em casa, muito satisfeita, altiva e orgulhosa...

Um dia desci á porta da rua para a ver passar. Elle viu-me, baixou os olhos; mas eu, vencendo a minha timidez disse-lhe baixinho:

— Adeus, Sulinasinha...

Elle parou-se e eu entrei em casa, fui á varanda da rua e via lavar roupa, na trageira, como do costume. De facto, foi; e ao arregaçar as mangas do chamber para o trabalho, deu com os olhos em mim e parou-se...

E este amor platónico continuou assim, todos os dias a mesma coisa e eu sempre a gostar de a ver na trageira de casa, a lavar roupa, com os

cabelos ao vento, e os braços meus salpicados d'esfer-
mas. E quando ella passava na Praça de ella eu ia sem-
pre dizer-lhe baixinho, timidamente

— Adeus, Sulimasiinha...

As credas um dia perceberam qualquer coisa; e
uma vez pedi dizer das janelas da cozinha para lá:

— O meu nome é um, meu nome é muito grande!

Teram as credas dando informações a meu res-
peito; mas eu nunca me importei e ia sempre vel-
a, a lavar roupa, até que um dia pudei ir para outra
casa, para os lados de Bellas.

Fiquei longe, bem longe. Fui crescendo e tornando-
me homem e elle era já uma mulher perfeita.

A Sulima, a filha do alfaiate, era a beleza do Rosal.

Assim, passou-se tempo sem eu a ver; mas sa-
bia o que era feito della. Nunca me esquecia das mi-
nhas contemplações, nem de quando eu descia para
retidamente a porta, dizer-lhe timidamente, bai-
xinho:

— Adeus, Sulimasiinha...

O tempo correu e eu vesti um dia a capa e a ba-
rba; era já um homem, comecei a usar uma
enorme cabeleira e sem saber da minha linda
vizinha de olhos negros! da minha imaginação
canguz logo uns romances lindos, uns roman-
ces maravilhosos; até que um dia de anno-bom,
fasso ao mercado e vejo-a, a linda Sulima, a
vender hortaliça, sentada num quinquinho banco,
altiva, orgulhosa, como meus tempos dos meus

dose a gustarse aunos! Eu olhei, ella viu-me e os nossos olhos exprimiram bem a admiração e o estylo.

Ella, minha perfeita puzilha de deseres e de senos aunos, linda a mais não ser, com olhos invejáveis e ali, no mercado, a vender herbalica; eu, um homem já, de longa cabeleira, e um bico abreviado a relumbiar.

Passai adiante mas não pude deixar de lhe dizer como antigamente:

— Adeus, Sulinasinha...

Ella então respondeu e zela primeira vez, falou-me, disse-me alguma coisa:

— Adeus, meu peixinho...

Eu comecei então a fazer caminho pelo mercado e quando for ali não passava a peuzilha do Collegio Novo e das grades do fundo da couraça dos Alzobolos eu lá via em baixo, sentada num bancozinho, alta e orgulhosa, a bella filha do Torval, a linda filha do modesto alfayate.

Ella, qual imaginava que alguém, lá de cima, a olhava com tanto carinho...

No dia do anno-bom seguinte passei por lá; indo dar-lhe as boas festas, disse-lhe adeus como de costume, vi outra vez o esplendido brilho dos seus olhos.

Passai, olhei e o lugar vazio! Olhei em volta e nada vi... A Sulinas, a linda filha do Torval tinha desaparecido!

É o que é facto e que nunca mais a vi.

Passou um mês e outro. É quando um dia de manhã eu entrei no pátio do 3.º andar, onde havia a varanda que deitava sobre o Monumental, para falar a minha avózinha — que já lá vai — eu vi fechada a trapeira da casa do alfaiate. Estava um lindo dia de primavera; o sol entrava pelas vidraças e o rio passava tranquilamente por entre os choullos.

Senti qualquer coisa de estranho ao ver tudo fechado na casa do alfaiate e fiquei-me a olhar, a pensar, quando uma criada velha que estava ali disse-me ingénueamente, empunhando as farras meias:

— O meu irmão sabe quem se casou?

— Eu não...

— Foi ali a S'leiva, a filha do alfaiate. Era a mesma coisa do Monumental...⁽¹⁾

E acrescentou com um ar de inveja:

— Casou com um Zolicio de Lisboa!

Eu senti qualquer coisa de estranho; senti que o meu amor de criança, um amor sem pés nem cabeça, tinha desaparecido para sempre pela brutalidade de umas intervenções zolicias...

Tudo desaparecera para mim! O meu amor imaginário, o meu amor intangível, evoltára-se como qualquer zefirino de uma flor, como o fumo que sobe para os céus...

E eu desci a escada taciturno, pensando que já

⁽¹⁾ Casou o 18 de fevereiro de 1897.

não tornaria a ter a alegria de ver aquela linda
coqueleira, a bela flor do Trombal.

Teria a reunião de um Zolício: triste realidade!

Passaria a andar num arranjado, deixaria o ar
altivo e orgulhoso, e dentro em breve teria em volta
de si um rauchio de filhinhos. É o Zolício quando
entra em casa, bebido, cambaleando, estropeal-a-
ia, sem do nem conjuixão!

Os annos passaram e eu esqueci tudo. No en-
tanto, quando subo á sala envidraçada do 3º andar e
vejo a bradeira fechada, lembro-me sempre do tempo
em que descia á rua para dizer, baixinho, tímida-
mente, á linda vizinha dos olhos negros a saudá-
ção habitual

— Adeus Sulimazinha...

Isto tantos annos que lá vou tudo!... O Jac não
nem Jaco de pois não sei com quem e a mãe suicidou-
se, lançando-se da bradeira para a rua, num acci-
so de laucura porque era Zolice e pôs-se não podia
dar de comer aos filhos.

Desgraças deste mundo.

X

Adenda:

Principio de uma "operetta" de costumes, sem nome nem data...

(Talvez em 1878)

1º Acto:

Scene 1º: Alguns grupos, em Coimbra; dança fol-
cular; estudantes, fúbricas, reuniões, etc.

Soz:
(1ª música)

Deixemo-nos de tristezas
Tous a dançar e a cantar;
Deixemos aos infelizes
O andar na vida a jeuar.

(mús. o juno) Coro:

Tristezas leu-as o vento
Diz o rifão folcular;
A vida deve levar-se
Só a dançar e a cantar.

Soz:

Ei bicha grandes razões
Pra não termos a abrir bocas,
Mas leu. nro dig a visinha
Que a alegria é sempre juno.

Côro:

Tristesas leva-as o vento, etc.

Sor:

Tous a dançar e a cantar
 Não é outra coisa o mundo
 Que d'aqui até por velhos
 Vai um instante, um segundo.

Côro:

Tristesas leva-as o vento, etc.

João Marques - falando a dança:

Oh da musica! Já lá um bocadinho que está modo
 já aborrece! Saímos a outra qualquer!

José Palermis - falando a dança:

Leva a qual, oh meu João? Eu cá estou às ordens!

João Marques:

Eu sei lá! Leva qualquer! Oh raparigas! que musi-
 ca querem vocês?

Os raparigas - juntamente:

O caminho verde! o irina! o estalado! a noite pere-
 na! etc.

João Palermus :

Logo assim é que é! Tudo junto! Havemos de
dançar tudo ao mesmo tempo!

Arnaldo - de fora

Oh sus. Marques! dançam lá a caninha verde,
que é mais bonito!

João Marques:

Pois sim, sus. doutor. O' da musica! toca lá a cani-
nha verde! Toca a dançar ralarigas! dessem baricem
me esses zés! (os instrumentos afinam-se) Olha-me
esse violão desafinado, oh Man'el!

(a musica começa a tocar a cani-
nha verde)

Coro:

Oh minha caninha verde
Oh minha verde caninha,
Salpicadinha d'amor
Si d'amor salpicadinha!

Voz:

Vá de roda, vá de roda
Ninguém se fique a olhar,
Já tanta haver coração
Para haver do que jejuar.

Coro:

Oh minha casinha verde, etc.

Voz:

Todos querem ir pro cas
 Meas o cento, pinguem, uae!

Bom rapaz tá diz o Jovo:

Quem correge tambem cae!

Coro

Oh minha casinha verde, etc.



Index:

I = Theatro

<u>O patrio ferrador</u> - entre-acto	3
<u>As tres ruínas</u> - entre-acto	23

II = Conferencias 43

<u>Descobertas e conquistas dos portugueses</u>	45
<u>Portugal</u>	59

III = Fernão Moniz - tentativas de romance
histórico 77

<u>Nota</u>	79
<u>Capitulo I</u>	81
" II	93
" III	107

IV = Um lance de Historia ... 121

18 d' outubro de 1817 = <u>Consejo Fneire d' Almeida</u>	123
27 de setembro de 1810 = <u>Batalha do Bussaco</u>	129
15 de março de 1147 = <u>Batalha de S. Mamede</u>	138

V = <u>O meu segundo anno de litteratura</u>	143
<u>et Renaissance</u>	145
<u>Camões</u>	161
<u>Origem e caracter da escola provincial. Sua introdução em Portugal e desenvolvimento no reinado de D. Diniz especialmente</u>	170
<u>O Padre Antonio Vieira e as suas obras</u>	176
<u>Origem do theatro portuguez. Gil Vicente</u>	184
<u>Caracter dos seis primeiros periodos da litteratura portugueza.</u>	195
<u>Caracter da escola romantica e sua introdução em Portugal. Garrett, Herculano e Basilio</u>	200
<u>Romantismo. Caracter da escola e sua introdução em Portugal.</u>	213
VI = <u>Jornalismo e Polémica...</u>	217
<u>Analyse critica do artigo "A guerra de Cuba" do Sr. M. D.</u>	219
<u>Reitorias: (artigo de apresentações)</u>	223
<u>Cartas a um amigo.:</u>	
I	225
II	226
VI = <u>Cartas antigas</u>	233
Do Costa - Ferreira	235, 237, 244, 246, 254, 256, 260, 266, 274, 283
Do Mario Duque	241

Do Vis José Pinheiro 270

VIII = Tentativa de um romance naturalista. 289

I 291

II 312

Fragmento 321

IX = Planos litterarios 325

Soivado no campo, romance 327, 331

D. Lourenço d'Almeida, drama 333

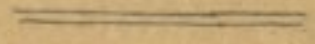
Fernão Moniz, romance 337

A morte de Maria José, conto 340

o Dulcinea 344

X = Addenda: 351

Principio de uma opozetta de costumes para
novas novas data 353



Este volume começou a escrever-se em abril
de mil novecentos e nove e terminou em 20 de
junho de mil novecentos e dez — na casa "antiga
zarbueza" de D.ºs Severino Rodrigues, Quinta
de Santa Cruz, Coimbra.

Coimbra, 20 de dezembro de 1910.

Delizário Pimenta



